

É DURO SER CABRA NA ETIÓPIA – Ou é mais duro ser autor no projeto da Maitê?

RESUMO:

"Um ator está sempre interpretando o texto de alguém, os pensamentos, as considerações sobre o mundo de outra pessoa, que às vezes escreveu há 100 anos, ou dois mil como no caso de uma tragédia grega. Então eu quis estreitar essa ponte com um público que muitas vezes acha que sou uma pessoa que não sou." Maitê Proença trouxe ao público um pouco dessa outra pessoa, dessa que não é atriz somente, tampouco apenas uma autora, mas um alguém criativo e ousado, irrequieto, espontâneo e muito alegre.

ARTIGO:

O Projeto UniBrasil Futuro foi concebido pelo professor Clèmerson Merlin Clève, presidente da instituição, com o objetivo inicial de realizar palestras acadêmicas sobre nosso país, mas, percebendo que uma instituição universitária tem compromisso com a cultura, como elemento essencial de formação; e que a cultura tem importância capital na definição do presente e do futuro de um povo, abriu novas possibilidades ao evento, o que nos permitiu ter o prazer de ouvir - e ver, é claro! - Maitê Proença, que não é apenas uma das mulheres mais bonitas do país e consagrada atriz de cinema, teatro e televisão, mas também uma escritora e dramaturga, cronista, produtora, viajante e encantadora pessoa.

Quem esteve no auditório no dia 6 de junho foi agraciado com a presença sincera de uma pessoa que chegou aflita e iniciou sua fala com uma confissão: havia perdido o voo e por isso estava tão atrasada; sua assessora havia "enguiçado" - "não sei se vocês sabem, mas as pessoas às vezes também enguiçam" - e passou o horário errado do voo. A franqueza continuou ao admitir que não havia preparado uma palestra propriamente, e que aceitou o convite, pois ficou interessada na plateia, ou seja, nos alunos de Comunicação Social.

Maitê Proença é uma daquelas pessoas inquietas, que, mesmo sentada numa cadeira diante de uma plateia, não sossega em apenas uma posição. E foi nesse clima de bate-papo informal, pontuado por seu particular toque de ironia, que ela compartilhou um breve relato de suas experiências de vida. "Sempre que preciso resolver alguma coisa, vou resolver longe de casa, longe da 'base' que era sempre meio perturbadora. Isso foi um processo que começou cedo e continua até hoje." As viagens pela Europa marcaram a juventude de Maitê, especialmente à França, onde teve sua primeira experiência com artes cênicas, quando se matriculou em um curso de mímica com Etiènne Decroux. "O trabalho era muito interessante, mas nós passávamos três dias mexendo uma falange do dedo para, em seguida, discutir a respeito. Não tive paciência, era uma menina com o mundo inteiro no horizonte para ser investigado. Larguei a mímica e me matriculei em vários cursos na Sorbonne: arquitetura do século 17, pensamento do século 20, pensamento alemão do início do século e outras matérias."

Fica evidente que estamos diante de uma pessoa rebelde, imprevisível, culta e amiga da inovação, um exemplo de pessoa que não se acomoda, que discute, que questiona, que se destaca em tudo que se dispõe a fazer. Seu ingresso na carreira

literária teve início em 2003, quando passou a publicar crônicas quinzenalmente para a revista *Época*, o que rendeu a publicação de seu primeiro livro, em 2005, "Entre Ossos e a Escrita", que reúne 50 das crônicas publicadas na revista durante 2003 e 2004. Em 2007, a incursão pela literatura dá voz à obra "Uma vida Inventada", que mistura ficção a fatos reais num jogo de pistas falsas proposital.

Veio a Curitiba lançar seu terceiro livro: "É duro ser cabra na Etiópia", que merece "explicações". O livro é fruto de um projeto inusitado, que tira grande proveito da síndrome colaborativa da internet em tempos de redes sociais. É bem-humorado e reúne 180 textos, a maioria, de pessoas anônimas, e alguns, de famosos. O projeto teve início com uma convocação da atriz pela internet, no final de 2011, quando criou um site para receber textos de qualquer pessoa, desde que tivessem humor, de qualquer natureza. "Eu tinha que achar engraçado, e pronto; a regra era minha, ué?!" Segundo Maitê, no início começaram a chegar coisas horríveis, cheias de palavrões - "não que não pudesse palavrão, podia, mas tinha que ser bom, engraçado, e não apenas grosseiro". A solução foi convidar Carlos Heitor Cony para abrir os trabalhos, no que a qualidade dos textos logo melhorou, e outros escritores reconhecidos também toparam ajudar, dentre eles: José Eduardo Agualusa, Clarisse Niskier, Tatiana Salem Levy, Jorge Forbes.

Já o título absurdo nasceu de uma conversa de Maitê com seu irmão, no seu sítio em Petrópolis, sobre as origens do café, que teria sido descoberto na Etiópia, por um pastor que viu grãos nas fezes das cabras e as achou mais "animadinhas". Assistindo a uma peça de teatro do improvisado, em que o grupo solicitava à plateia uma frase-tema para encenar um esquete, Maitê usou essa da cabra, e para sua surpresa, o grupo até que se saiu muito bem. Estava resolvido um bom título de livro! Foi um trabalho árduo para escolher entre os 1.622 textos recebidos, aqueles que iriam para o livro. Em seu sítio colou os prediletos na parede e fez a seleção segundo seus próprios critérios: "bobagens sagazes, relatos absurdos, crueldades, deboches, casos sutis e elegantes, qualquer história que levasse ao riso". O resultado é surpreendente e muito divertido, com as sempre necessárias pitadas amargas.

Até mesmo o projeto gráfico teve participação do público pela internet, pois através do site poderiam ser enviadas ilustrações, fotografias, desenhos de anônimos, ou seja, qualquer ideia visual bem humorada. O resultado é surpreendente: um projeto gráfico em que o miolo é colorido, a capa é de um rosa *pink* chocante, e o conteúdo é de todo mundo!

A interação que a internet proporciona deu vida ao projeto inusitado de Maitê, um belo *case* de sucesso que retrata muito bem um tempo em que o público, seja ele leitor ou consumidor, já deixou de lado há muito a passividade e hoje é ator (e por que não dizer autor?!), responsável pela produção de muito conteúdo que transita livremente em blogs, sites, fóruns e principalmente em redes sociais.

De acordo com a Wikipédia - ela mesma uma plataforma colaborativa livre - a essa prática dá-se o nome de "conteúdo gerado pelo usuário" (*UGC, user-generated content*) termo que surgiu em 2005 e se refere justamente aos vários tipos de conteúdos que são criados por pessoas comuns, ou seja, pelo consumidor final e não por veículos de comunicação. A provocação a essa prática vem sendo utilizada como estratégia de comunicação por muitas empresas que investem no relacionamento da marca com seus consumidores. Algumas delas chegam até mesmo a utilizar, nas suas publicidades, os conteúdos criados por seus consumidores, pois acreditam que essa estratégia ajuda a estabelecer um diálogo mais aproximativo, criando uma relação de

simpatia, já que o público deixa de ser apenas espectador e passa a fazer parte da mensagem.

Para aqueles que atuam na área da comunicação, fica claro o desafio de lidar com novos perfis de leitores/consumidores hoje muito mais atuantes e críticos. Para o que antes era restrito a poucos (em alguns casos muito poucos), hoje não há barreiras e nem censuras. O número de pessoas que enviaram seus textos para o projeto do livro de Maitê é o retrato surpreendente do perfil de pessoas que, sim, diferente do que possamos crer num país onde ainda temos expressivo índice de analfabetismo, escrevem e gostam de escrever, seja para manifestar suas opiniões ou mesmo para relatar seus devaneios e praticar sua inventividade.

Para a plateia, formada principalmente por alunos e professores de Comunicação, a palestra deixou um recado muito claro: a criatividade e a ousadia, amparadas por um bom planejamento, e com uma pitadinha de bom senso, podem materializar muita coisa, até mesmo um livro.

AUTOR:

Maria Paula Mansur Mader - Professora da Escola de Comunicação das Faculdades Integradas do Brasil – UniBrasil.